

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

13/5/88

Cl:

Assunto:

## Imigrante ofusca a presença do negro

- Rafael Preto morreu na metade dos anos 50, no Alvarenga, aos 120 anos. Era um homem bom, sábio no seu analfabetismo, estimado. Seu nome completo era Rafael de Souza Pereira. Foi escravo e sempre dizia que havia sido vendido três vezes. Nos últimos anos de sua vida morava à beira da represa. Dizia, então, que nos seus tempos de escravo a alimentação dos negros era deficiente e ele muitas vezes passava a noite em claro, no meio do mato, em busca de frutas para os seus. Rafael Preto casou com 50 anos, depois da libertação dos escravos. Sua esposa, que morreu muito tempo antes que ele, se chamava Maria Rita.

*A preta de dois metros* - Era uma mulher forte esta negra que andava pelas ruas da cidade no fim do século passado. A tradição oral diz que os homens maiores, mais avançados, filhos dos imigrantes italianos, mantinham relações com ela, para gerar mulatos fortes para



sejam usados no trabalho da terra. Este é um episódio negativo no relacionamento europeu-escravo nos primeiros contatos da região. Mas existe o outro lado, o humano, que veremos amanhã.

A ilustração é do artista plástico andreense Rubens de Mattos Guimarães Filho, o Binho, e foi usada na capa do *ABC Litúrgico*, semanário da Diocese de Santo André, em 20 de março último.

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

13/5/88

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Assunto:

Olha, que eu vim lá de longe, perdendo raízes, enchendo porões. Olha, cruzei tantos mares, pisei novas terras, sofrendo grilhões (Canto litúrgico da Igreja Católica).

Os primeiros imigrantes italianos chegam à região e se fixam em São Bernardo e São Caetano em 1877. E aqui encontram os antigos moradores, os chamados *brasileiros*, entre os quais escravos. Os italianos e demais imigrantes europeus – os poloneses foram pioneiros e chegaram a criar uma grande vila em Capivary, hoje Distrito de Riacho Grande – vieram justamente para substituir a mão-de-obra escrava.

A libertação total dos negros ocorreria, ao menos no papel, a 13 de maio de 1888, há 100 anos exatos. Neste ano, os italianos são maioria absoluta em São Bernardo, suplantando todas as demais nacionalidades, incluindo os brasileiros.

O primeiro trabalho do imigrante é na terra. Ele devasta floresta, faz o chamado destocamento, produz carvão, corta lenha e planta. O negro, num primeiro momento, permanece no ostracismo. A história

da região poucas linhas tem destinado ao estudo da raça, mesmo porque a maioria dos italianos ofusca a participação do negro. Mas uma série de acontecimentos mostra que o negro teve participação nos momentos da região, antes e depois da chegada dos imigrantes italianos.

### Fatos e personagens

*O casarão* – Foi o alferes Bonilha quem construiu o casarão que existia na rua Marechal Deodoro (antigo Caminho do Mar), esquina com a rua Tenente Sales, onde está hoje a praça Lauro Gomes. O casarão foi construído antes de 1850, de pau-a-pique, sendo utilizada a mão-de-obra escrava. Informações orais contam que, defronte ao casarão, onde começa a rua Municipal, existiam argolas de ferro que prendiam os escravos considerados rebeldes.

Do mesmo modo, a história oral conta que o alferes Bonilha, hoje nome de rua no Centro de São Bernardo, era um homem muito ruim, perverso, cujos restos mortais desapareceram misteriosamente logo após a sua morte, no final do século passado. Tanto assim, diz a lenda, que no lugar de seu corpo foi depositado na urna fúnebre um pé de bananeira. O caixão foi sepultado na Capital.

